
GÊNERO CRÔNICA: OFICINA DE ELABORAÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

Pamela Tais Clein

Apresentação

*Objetivamos apresentar nesse relato de experiência, a metodologia e os resultados de uma oficina desenvolvida por acadêmicos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Letras, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), desenvolvido na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Realeza. As atividades consistiram na realização de uma oficina sobre o gênero crônica, aplicadas a duas turmas de 9º anos, em uma escola pública da cidade de Realeza/ PR. Portanto, o PIBID contemplou tanto os estudantes da rede básica de ensino, quanto os acadêmicos bolsistas do subprojeto de Letras. Concluiu-se que as atividades desenvolvidas nesta oficina, contribuíram de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, e também para o aperfeiçoamento das práticas escolares dos professores em formação, possibilitando assim, a efetivação da práxis.

Caracterização da Escola

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2011), “o Colégio Estadual João Paulo II - Ensino Fundamental e Médio (00609), está localizado na rua Marco Aurélio, 2342, no Bairro João Paulo II, na área urbana do município de Realeza (2160), Estado do Paraná” (PPP, 2011, p. 6). “Este Estabelecimento oferta o Ensino de 6º a 9º ano Fundamental Regular, Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos - Ensino Fundamental e Médio” (PPP, 2011, p. 6).

Segundo o PPP (2011), “a comunidade escolar do Colégio João Paulo II, tem um perfil peculiar, recebe alunos da cidade e do interior” (PPP, 2011, p. 9). Sendo que, “os da cidade procedem do centro

* Graduanda de Licenciatura em Letras Português Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Grupos de pesquisa do CNPq: Ensino de Língua e Literatura, e, Estudo da Evasão na UFFS Campus Realeza. E-mail: pamelaclein88@gmail.com.



e dos bairros e, do interior procedem das comunidades circundantes, e jovens trabalhadores do município que cursam o Ensino de Educação de Jovens e Adultos” (PPP, 2011, p. 9).

Conforme o PPP (2011), na organização da escola são contempladas “13 turmas do Ensino Fundamental matutino, vespertino e noturno, na organização coletiva, individual, do EJA, Fundamental e Médio Noturno, perfazendo um total de 10 turmas, e mais 5 turmas de APEDs, totalizando 581 alunos” (PPP, 2011, p. 15). Salienta-se, que a escola tem “todos os professores formados na área de atuação e a grande maioria com pós-graduação, sendo que alguns são Professores PDE” (PPP, 2011, p. 12).

O PPP (2011), enfatiza que os alunos “procedem de famílias de níveis socioeconômico médio e baixo. São filhos de professores, comerciantes, pequenos empresários, agricultores, boias-frias, diaristas, vendedores ambulantes, desempregados, e empregadas domésticas” (PPP, 2011, p. 11). No que concerne as faixas etárias, “ênfatisa-se que os educandos tem idades variadas entre 15 a 65 anos” (PPP, 2011, p. 11).

Nas duas turmas em que se desenvolveu a oficina, contou-se com alunos da faixa etária oscilando entre 14 e 17 anos, sendo que, totalizaram 54 estudantes. O grau de participação da turma nas atividades propostas, de modo geral, foi satisfatório, uma vez que houve o envolvimento nas práticas de leitura, debates, produção textual e reescrita.

Fundamentação teórica

Na escola, enfatiza-se a importância do trabalho com textos orais e escritos, visando aprimorar as competências comunicativas dos alunos. Os PCNs (1998) justificam essa importância, no que tange as práticas de leitura, audição, oralidade e escrita, uma vez que “a escrita de textos pertencentes a diversos gêneros supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas na situação de ensino” (PCNs, 1998, p. 24).

Marcuschi (2002), por um lado, defende o trabalho de produção textual na escola a partir da abordagem de gêneros textuais, não se mostrando favorável ao ensino pautado nas tipologias textuais, já que essas abordagens acarretariam em problemas no ensino. Por vez, os estudos deste autor volta-se para o ensino, já que “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual” (MARCUSCHI, 2005, p. 29). Por outro lado, Travaglia (1991), defende o ensino ancorado nas tipologias textuais, para ele “O tipo pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução”



(TRAVAGLIA, 1991, capítulo 2). Isto posto, entende-se que os estudos deste autor é voltado para o linguístico.

Enfatizamos que a concepção adotada neste trabalho segue os conceitos de Marcuschi (2002, 2005), em se trabalhar a produção textual ancorada nos gêneros textuais, voltadas para o ensino. Deste modo, as atividades da oficina partiram da crônica “Do Rock” de Carlos Heitor Cony (2009), que possibilitou que os alunos com dificuldades de compreensão, argumentação, audição e escrita, pudessem, a partir de um trabalho de pré-leitura, leitura e pós leitura, aprimorar e desenvolver essas competências comunicativas, definidas por Travaglia (2002) como “a capacidade do usuário (da língua) de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2002, p.17).

Além do gênero crônica utilizado nesta oficina, nos valem do gênero debate para por meio de rodas de conversa propiciar a soma e trocas de experiências, bem como, saberes subjetivos e plurais dos envolvidos na atividade (alunos da escola e acadêmicos), culminando na construção de novos conhecimentos. Para Soares (1998), não basta

[...] que atividades de linguagem oral sejam consideradas apenas como oportunidades de interação oral com o professor e os colegas; elas precisam ser planejadas para o desenvolvimento de habilidades de produção e recepção de textos orais frequentemente em situações mais formais, no que tange o trabalho voltado para o aperfeiçoamento das competências linguísticas- discursivas dos estudantes, enfatizamos que as atividades propostas, foram realizadas com base em textos escritos e nos debates orais, primando por agregar ao conhecimento de mundo que os alunos trazem consigo, um saber mais formal, em vista da oficina estar pautada em dois gêneros, a crônica e o debate exigem preparação e estruturação adequada da fala, textos de diferentes gêneros (SOARES, 1998, p. 22).

Todas as ações foram pensadas na perspectiva de que ler e oralizar “não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos” (LAJOLO, 1982, p. 59). A partir disso, entende-se que, a leitura contínua é necessária em qualquer propósito, seja por lazer ou aumento do repertório linguístico, esta deve tem por intuito possibilitar que os alunos consigam relacionar um texto com outro. Antunes (2003), assim como Lajolo (1982), enfatizam a importância de ler, ressaltando que a leitura e a escrita são indissociáveis.

A atividade de leitura completa a atividade de produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar,



buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 67).

É preciso, enquanto professor, ter o olhar atento para o outro e, a partir disso, buscar encontrar estratégias de trabalho que minimizem os percalços que impedem que o processo de ensino-aprendizagem se dê de modo satisfatório. Para Gadotti (2000), a permanente inovação e aperfeiçoamento de “uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites” (GADOTTI, 2000, p. 6).

E este é o intuito que temos, nos aperfeiçoar, com um olhar atento ao outro, quando estivermos fora da sala de aula, ou dentro do ambiente de ensino, nas relações intersubjetivas e de alteridade presentes no contexto escolar na criação do senso crítico e reflexivo. Concordamos com Fetzner e Souza (2012), quando dizem que avistam o “PIBID como um programa que oportuniza a vivência da iniciação no campo da docência em diálogo com a formação teórica oportunizada na universidade” (FETZNER e SOUZA, 2012, p. 5). A universidade contemplada pelo PIBID possibilita que a formação universitária se dê de modo efetivo e suficiente em todos os âmbitos, seja teórico ou prático.

Descrição da experiência

Os objetivos da oficina, foram possibilitar o desenvolvimento das habilidades sociocognitivas dos alunos, sendo elas: a leitura, audição, oralidade e a escrita, essas competências foram exploradas nas atividades que perduraram 14 horas-aula, desenvolvidas em dois 9º anos. Optou-se por trabalhar com este gênero, que é uma narração curta e geralmente se trata de relatos de fatos cotidianos. A narrativa é composta por pequenas histórias em tom humorístico de linguagem pouco formal e/ou espontânea, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. Na perspectiva de Neves (1995), a crônica é um texto que “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza” (NEVES, 1995, p. 17).

Para dar início às atividades, a fim de se familiarizarem com a turma e o ambiente no qual seria desenvolvido a oficina, os bolsistas observaram duas aulas ministradas pela professora supervisora do PIBID. Para contemplar duas turmas, 9ºA e 9º B, os Pibidianos foram divididos em dois grupo de três pessoas.

Nas terceira e quarta aulas, os bolsistas aplicaram a primeira parte da oficina, que iniciou com uma conversa questionadora e ao mesmo tempo instigante, levando os alunos a refletirem e falarem sobre o que previamente conheciam do gênero crônica. Na sequência, coletivamente, houve a leitura em voz alta da crônica “Do Rock” de Carlos Heitor Cony (2009). Nesta atividade Utilizou-se como material base a *Coletânea Crônicas da Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro*. Ao final,



reservou-se um momento para o debate no qual houve mútuas trocas de conhecimento. Na conversa, os Pibidianos complementaram o que os alunos não conheciam sobre o gênero, ou seja, como se estrutura; a linguagem utilizada; a identificação do cenário; tempo; espaço; recursos literários e outros.

As duas aulas seguintes iniciaram com uma breve retomada das discussões passadas, por conseguinte, lançou-se o comando de produção com tema de livre escolha. Sugeriu-se aos alunos que fizessem previamente o planejamento que engloba a esquematização da escrita, revisão e a reescrita do texto, antes da entrega. Para que houvesse essa produção, enfatiza-se que os alunos necessitariam mobilizar seus conhecimentos linguísticos-discursivos internalizados, bem como, estratégias de elaboração, até chegar ao produto final, à crônica.

Com as produções dos alunos em mãos, juntamente com a professora supervisora, fez-se a leitura coletiva dos textos, e, na sequência, apontamentos e sugestões para o processo de reescrita. Frisou-se a importância da coerência textual, que nessa fase é “responsável pelo sentido do texto, e esse sentido é produzido tanto, pelo autor quanto, pelo receptor” (COSTA VAL, 1991, p. 2). Também destacamos a importância da coesão textual que é “responsável pela unidade formal dos mecanismos gramaticais e lexicais” (COSTA VAL, 1991, p. 2). Enfatizamos aos alunos a importância de se atentar a esses elementos textuais, uma vez que, sem eles, o texto não faria sentido para o interlocutor.

Na sétima e oitava aulas, efetuou-se a devolutiva das produções textuais para os alunos com apontamentos para o aperfeiçoamento da reescrita. Ao final destas duas aulas, os estudantes entregaram aos Pibidianos a versão final dos textos, conforme a proposta da atividade. No final desta aula avisou-se aos alunos que eles fariam a socialização das produções textuais em um evento do PIBID que aconteceu na universidade.

Os bolsistas utilizaram-se da nona e décima aulas para fazer a dramatização de outra crônica intitulada “Minhas férias” de Luiz Fernando Veríssimo (2002), a fim, de exemplificar aos alunos como eles poderiam proceder quando fossem fazer as apresentações das crônicas produzidas por eles. Enfatizou-se aos estudantes, a importância de manter a entonação de voz, postura, respiração, contato oral e visual com o público no momento de apresentação. Na sequência, para finalizar as aulas, os alunos foram divididos em três grandes grupos para que todos fizessem a leitura em voz alta de suas crônicas, compartilhando-as com os demais colegas, já que, no dia da socialização entre as duas turmas de 9º anos, nem todos sentir-se-iam a vontade para apresentar em público.

As quatro últimas aulas, foram destinadas para a finalização das atividades propostas. Em uma socialização, os alunos do 9º A e do 9º B, deslocaram-se da escola que estudam no período matutino para à visitação e trocas de experiências em um local distinto do habitual, a UFFS. Na ocasião, os estudantes foram recepcionados pelos Pibidianos e pelo grupo musical da Universidade,



que apresentou algumas canções. Em seguida, convidados a conhecerem os espaços da universidade, eles fizeram a visita de algumas dependências: o laboratório de reuniões do PIBID, a sala de leitura, a biblioteca, o saguão e outros. Ao retornarem da visita, foram recebidos com um coffee break, e, para encerrar a manhã socializaram suas produções textuais com os que ali estavam presentes, que eram: as duas turmas; os Pibidianos; a professora supervisora; os professores coordenadores e a comunidade externa.

Avaliação dos resultados

Escrever ou oralizar um texto, é uma atividade complexa que decorre de muita dedicação, repertório de leituras e planejamento. Além disso, exige-se que um aglomerado de palavras faça sentido aos leitores/ouvintes. Para isso, o escritor/autor deve dar um propósito à sua produção, com vista a quem vai receber/ler o texto e os locais onde circulará. Essas e outras orientações foram enfatizadas aos alunos, nas aulas que antecederam as produções textuais.

Objetivamos por meio desta oficina, a promoção do desenvolvimento sociocognitivo dos alunos. Isso se deu ou foi possível observar nos espaços interações dos debates, na leitura, na escrita, na reescrita e socialização das produções textuais. Bakhtin (2006) nesse sentido afirma que “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 2006, p. 109-110). São nas diversas atividades, assim como nas promovidas por esta oficina que os alunos compreenderem melhor e passam a efetivar o uso da língua com propriedade.

Preocupamo-nos quando na escola, as produções textuais estejam pautadas nas tipologias, por isso, optamos por eleger um gênero. Para Marcuschi (2005) “os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção” (MARCUSCHI, 2005, p. 22). Enquanto que “em todos os gêneros podemos encontrar implicitamente vários tipos textuais” (FERREIRA, 2011, p. 27), por isso, se justifica nosso trabalho pautado no gênero, pois entendemos esse processo com algo mais amplo que contempla, internamente os outros tipos de textos.

Nas produções, constatamos dificuldades por parte de alguns alunos, como: textos superficiais, com poucas informações relevantes, erros gramaticais e lexicais, e, ainda, algumas não atendiam ao gênero crônica. Diferentemente, a maioria da turma não encontrou dificuldades na produção. Os obstáculos encontrados por alguns alunos dos nonos anos, no processo de planejamento e escrita, foram similares aos que Ferreira (2011) se deparou em sua pesquisa, “essa dificuldade em



produzir o gênero certo é uma consequência da falta de contato que o aluno teve com o gênero crônica” (FERREIRA, 2011, p. 36). Ou ainda, a problemática que traz o trabalho na escola pautado nas tipologias e não nos gêneros, que é a abordagem, ao nosso entender, adequada.

Para além disso, acreditamos que algumas das dificuldades surgiram pelo fato das aulas de Língua portuguesa serem restritas e, circunstancialmente o contato com os gêneros textuais se tornam limitados, ou ainda, o fato de que as produções na escola estejam pautadas em: narrações, descrições, dissertações e injunções. Devido à grande demanda de conteúdo a serem supridos, outra hipótese seria o trabalho focado na gramática, e a escassez de abordagens que tenham como ponto de partida e chegada, o textos, pois a utilização do texto como pretexto desfavorece as práticas de oralidade, leitura e escrita.

Os alunos da rede básica de ensino, naquela ocasião, estiveram na condição de autores e, nós Pibidianos, de professores, contribuímos com o aprendizado e ao mesmo tempo aprendemos. Uma oficina é muito mais que um momento de debate, leitura e produção textual, entendemo-las como uma oportunidade significativa da formação crítica e humanitária. Almejou-se que essas experiências “possam ser úteis e significativos, no sentido de assumirem uma função social que venha provar para os alunos que todo o processo de construção do texto valeu a pena” (FERREIRA, 2011, p. 41).

Como dito anteriormente, apesar de terem havido dificuldades esse fator não impediu que as produções acontecessem e os alunos tivessem a oportunidade de aperfeiçoarem-se nas quatro modalidades. Almejamos que os conteúdos abordados na oficina não fossem apenas memorizados, mas sim, compreendidos e que tudo provocasse a reflexão mais crítica. Isso é, de fato, apropriação de conhecimentos, ao tornar-se autônomo em uma formação cidadã. Necessitamos frisar que o aprendizado do aluno se constitui para além da mediação do professor, dependendo de grande parte do esforço, interesse e iniciativa dele próprio, para que sejam consolidadas aprendizagens mais profundas e significativas.

A escola que recebe os universitários Pibidianos de licenciatura contempla e é contemplada, pois ambos permitem-se trocas, seja no contato entre professores e bolsistas atuantes na escola, na vivência com os alunos da educação básica ou na prática em sala de aula. O PIBID proporcionou-nos outras visões para além da que habitualmente estamos acostumados, e esse processo nos possibilita a compreensão das metodologias, as formas de mediação, os procedimentos e as iniciativas necessárias na sala de aula contemporânea. Estas devem estar em constante adaptação a depender das necessidades.



Considerações finais

Os conteúdos escolares devem contribuir para a formação de cidadãos sócio-histórico-culturalmente constituídos, ativos e independentes. Nesse sentido o PIBID assume a relevância no processo de ensino/aprendizagem e na formação dos docentes. A interação proporcionada por meio de oficinas, marcada pelo gênero textual, contemplou uma leva significativa de seres humanos ali envolvidos, a saber: bolsistas universitários, alunos de educação básica, professores supervisores, professores coordenadores, a escola e a universidade.

Imensurável é a contribuição que o contato com a sala de aula proporcionou-nos, seja para formação pessoal ou profissional do ser professor. Essa construção faz com que, dia a dia, reafirmamos nossa certeza na escolha por uma licenciatura. O contato por meio da proposta da oficina, fez com que entendêssemos as ansiedades em estar à frente da turma, das incertezas e preocupações que permeiam esse espaço.

Tirá-los da zona de conforto e propor uma atividade distinta da habitual foi nosso objetivo e desafio. O PIBID encarregou-se de ajudar-nos na construção de conhecimentos mais concretos. De acordo com Passerini (2007), “o processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação” (PASSERINI, 2007, p. 18). A aprendizagem com a realização das atividades durante a oficina nos lapidou como universitários e colocou-nos de frente com as dificuldades, com as surpresas, alegrias, trocas e muitas outras sensações e emoções que o ser aluno e professor estão sujeitos cotidianamente.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec, 12ª Edição – 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA VAL, M.G. **Redação e textualidade**. São Paulo, Martins fontes: 1991.

CONY, Carlos Heitor. Do Rock. In: _____. **Coletânea de crônicas**. Olimpíadas de Língua Portuguesa: Escrevendo o futuro. Crônicas para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FERREIRA, Dimas Bento. **A crônica na escola: uma proposta de atividade com alunos do 9º ano**. Guarabira: UEPB, 2011.



FETZNER, Andréa Rosana. SOUZA, Maria Elena Viana. **Concepções de conhecimento escolar: potencialidades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** Educação e Pesquisa, São Paulo, Ahead of print, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/2012nahead/aop765.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação.** São Paulo: Perspectiva, 14(2), 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>> Acesso em: 18 de Abr. 2017.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2005.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: _____. REZENDE, Beatriz (org). **Cronistas do Rio.** Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

Projeto Político Pedagógico (PPP). Colégio João Paulo II- Ensino Fundamental e Médio, Município- Releza, NRE- Francisco Beltrão, 2011.

SOARES, Magda. Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa. In: _____. **História, perspectivas e ensino da língua portuguesa.** São Paulo: Educ. 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português.** Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991, 330 + 124 pp.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Minhas Férias. In: _____. **O Santinho.** Rio de Janeiro. Objetiva. 2002.

